

# News Paper®

Informativo  
Setorial ANDIPA



## Nesta edição

Política comercial  
fortalece o distribuidor  
Página 05

Certificações e selos  
destacam distribuidor  
Página 07

Encontro vai debater  
mercado de aparas  
Página 08

Agenda setorial tem  
grandes eventos  
Página 09

Veja o desempenho  
das importações de  
papéis no ano  
Página 10, 11 e 12

## Cenário melhora e distribuidor de papel fica mais otimista

Os números do segundo trimestre confirmam a expectativa de recuperação das atividades econômicas. A indústria gráfica produziu mais e o empresário está mais confiante. A produção de papel nacional e a venda doméstica também cresceram.

Os estoques estão mais equilibrados e a inadimplência parou de crescer

Páginas 2, 6, e 13

### Confira ainda

Especialista avalia ônus do RECOPI e propõe  
rediscutir o sistema de controle do papel imune

(Páginas 3 e 4)

#### Expediente

NewsPaper Informativo Setorial ANDIPA é uma publicação da ANDIPA - Associação Nacional dos Distribuidores de Papel. Direitos autorais reservados. A reprodução é permitida desde que citada a fonte.

Contatos (11) 3044-2214

[andipa@andipa.org.br](mailto:andipa@andipa.org.br) / [comunicacao@andipa.org.br](mailto:comunicacao@andipa.org.br)  
[www.andipa.org.br](http://www.andipa.org.br) Andipa também no Facebook

#### Presidente

Vitor Paulo de Andrade

#### Diretoria

Antonio Manoel de Mattos Vieira Neto  
José Luiz Barbosa Leonardos  
Marcelo Patury Accioly

#### Presidente Executivo

Vicente Amato Sobrinho

#### Assistente Administrativo

Iolanda Moretti

#### Assistente de Diretoria

Edna Souza

#### Assessoria de Comunicação e Conteúdo Editorial

Keser Serviços de Comunicação

#### Jornalista Responsável

Rosângela Valente (Mtb 121/MS)

## Distribuidor tem razões para estar otimista

O cenário da economia brasileira mudou. Gradativamente, o clima pesado e pessimista vai se dispersando, dando lugar à confiança, condição essencial para a melhora do ambiente de negócios. Indicadores positivos começam a despontar, confirmando aquilo que era sensação e expectativa meses atrás. Mas, por que exatamente o distribuidor de papel está mais otimista?

Os sinais de iminente recuperação já começam a ser medidos pelos resultados positivos da indústria gráfica, da produção e da venda doméstica de papéis nacionais. Tradicionalmente, o segundo semestre é melhor para o mercado de papel do que a primeira metade do ano, especialmente quando temos eleições. E a proximidade das eleições municipais deste ano já está movimentando o setor gráfico.

Estoques mais equilibrados aliviam as pressões, favorecendo a gestão e os resultados das empresas. E neste momento, a condição dos estoques de papel em geral está adequada à demanda, diferente do que vivemos no segundo semestre do ano passado, quando o consumo caiu, deixando grandes volumes de papéis parados. Este ponto é ainda mais delicado para os distribuidores importadores, que têm uma programação de compra antecipada em mais de

dois meses. E foi por isso, além da desvalorização do Real, que as importações despencaram como temos acompanhado nas matérias estatísticas deste informativo.

Aliás, hoje o câmbio é outro fator que inspira otimismo ao segmento de distribuição. A estabilidade das moedas ajuda a manter o equilíbrio dos preços.

Por fim, – diga-se: apenas por questão de construção de linha de raciocínio – e extremamente importante: a inadimplência parou de crescer! Além disso, parece até desnecessário lembrar que a grande maioria das empresas aproveitou – ou viu-se obrigada – a apertar os cintos, rever suas práticas de gestão, otimizando custos e processos. Em geral, focar nas questões internas e operacionais eleva a eficiência e os ganhos.

Reestabelecendo o fluxo normal das atividades, podemos esperar que o segundo semestre, que começou mais positivo, seja mais rentável e, efetivamente, represente o início de um ciclo mais promissor. O distribuidor de papel está pronto e ansioso para isso!

*Vitor Paulo de Andrade*  
Presidente do Conselho Diretor

# RECOPI. O ônus sem bônus

Por Gustavo Dalla Valle Baptista da Silva \*

Durante longos anos houve grande controvérsia sobre a forma de fiscalização do papel imune, exatamente porque não é o papel que detém a desoneração fiscal, mas sua destinação (impressão de livros, jornais e periódicos). Com certa impropriedade técnica a solução que perdurou por longo período foi diferenciar o papel com a chamada linha d'água. O custo de produção em duplicidade e os controles de estoque forçaram superar tal solução. Atualmente parte desse racional ainda remanesce com a rotulagem diferenciada para o papel imune. Menos pior.

Falando em evolução e controle atual, afora a rotulagem, impera atualmente o Registro Especial de Estabelecimento (federal) e o RECOPI (estadual), que pretendem qualificar por meio de prévio cadastro os operadores e as operações com papel imune.

Veja-se que ainda não é a destinação que está propriamente supervisionada. Mas, a bem da verdade, todo o setor sabe da relevância de uma fiscalização precisa – friso, precisa, não exagerada, muito menos abusiva –, capaz de interromper o desvio do papel imune para impressão comercial, grande vilão do mercado papelero.

Daí porque em boa parte as ressalvas jurídicas ao controle atual são relevadas. Digamos que há um pacto do setor para lutar contra o desvio e a conseqüente concorrência predatória.

No caso do RECOPI, contudo, tal comprometimento com a solução não se mostra mais tão balanceada. O Sistema de Registro e Controle das Operações com Papel Imune (RECOPI) foi instituído com o propósito claro de certificar as empresas capacitadas a operar com papel imune, identificar o volume de sua capacidade e monitorar, a cada operação, as transferências de estoque de papel no mercado. Nenhuma nota fiscal de venda de papel imune pode ser realizada sem o respectivo registro no Sistema RECOPI.

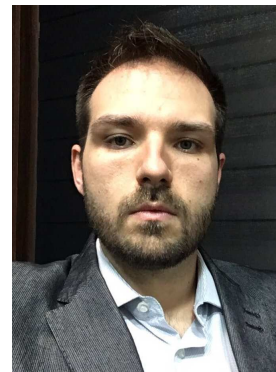
A princípio: de um lado um excessivo número de providências, mas de outro a segurança de que

operações realizadas no Sistema RECOPI estariam chanceladas de imunidade. Tanto assim que a legislação impôs a responsabilidade pelo ICMS devido por aquele que adquiriu o papel e eventualmente tenha dado a ele outra destinação que não a impressão de livros, jornais e periódicos.

Do ponto de vista do fornecedor (fabricante ou distribuidor) a troca é simples: impõem-se obrigações, mas assegura-se antecipadamente a validade das operações.

Todavia, a prática revela que apenas o ônus, sem o respectivo bônus, está presente no ambiente do RECOPI, especialmente no Estado de São Paulo. É sabido e propagado pela própria Secretaria da Fazenda Paulista que nos últimos anos centenas de empresas tiveram seu credenciamento no RECOPI cassado ou suspenso. Até aqui louvável. O problema surge na constatação de que tais empresas desviaram o papel e deveriam pagar o imposto correspondente, mas não há quaisquer perspectivas de que a cobrança seja exitosa. A partir daí os olhos da SEFAZ/SP voltaram-se para trás, seja para admitir que a cassação futura possa alcançar eventos havidos enquanto vigente o credenciamento, seja para dar um passo atrás na cadeia comercial, responsabilizando o fornecedor pelo imposto devido pelo então cliente.

Ora, antes fui claro ao afirmar que a premissa do Sistema RECOPI seria conferir segurança de que operações feitas em seu ambiente estariam resguardadas. Pois bem, não parece ser. No último levantamento divulgado, a SEFAZ/SP aponta ter lavrado 333 autos de infração nesse contexto. Grande parte deles referem-se à cobrança de fornecedores. Não um fornecedor mancomunado com o fraudador, mas todos os fornecedores daquela empresa descredenciada, como se fosse crível imaginar que todo o setor esteja corrompido. ■ ■ ■



## RECOPI. O ônus sem bônus



No último mês a ANDIPA e o SINAPEL divulgaram o relatório de perícia realizada nessas operações, apontando exatamente isso, que a autuação de vários fornecedores se dá simplesmente porque venderam para as empresas posteriormente descredenciadas. Neste relatório são apontadas 38 empresas que foram descredenciadas em pouco mais de 3 anos e que redundaram em mais de uma centena de autuações aos seus fornecedores. Não bastou que tais empresas compradoras estivessem regulares, devidamente credenciadas no RECOPI e que as operações tenham sido cadastradas no Sistema. E nenhuma indicação de fraude ou conluio foi apontada para justificar a responsabilização dos distribuidores.

A relação de confiança no sistema fica abalada. Não se vendo caracterizada a almejada segurança volta à tona a discussão da própria validade do RECOPI. A exigência de prévio credenciamento das empresas e das operações, como requisito para emissão das notas fiscais, não pode ser mero condicionante de aproveitamento da imunidade. Na forma como criado o controle, a operação realizada fora do Sistema RECOPI não admitiria a desoneração, ainda que o papel seja, efetivamente, destinado à impressão de livros, jornais e periódicos. A regulamentação não pode desvirtuar a realidade e nisso o RECOPI tem sensíveis falhas jurídicas.

Tanto é que o Judiciário, por ocasião da discussão travada pela CBL (Câmara Brasileira do Livro) contra o sistema, decidiu que “ao exigir o cumprimento de obrigações acessórias, criando sanções ou obrigações não previstas em lei, e, pior, com previsão de poder anular a regra de imunidade favorável ao contribuinte, desborda de sua competência”.

O sistema, em prol da segurança, inverte a ordem dos fatores. A fiscalização que compete ao Fisco fica a cargo do contribuinte, que se limita a operar dentro do Sistema (supostamente com empresas já fiscalizadas). Admissível, na prática, conquanto as operações efetivamente sejam reconhecidas.

No ambiente atual em que o credenciamento de empresas e operações é tido por insuficiente para a validade das operações, o “pacto” pela aplicação do sistema perde seu propósito.

Antes de medidas mais incisivas é o momento para refletir. Dar mais uma chance à solução, mas com o compromisso de que o bônus possa ser aproveitado. Cumprirá às entidades de classe buscarem a correção de rumo junto à SEFAZ/SP. Confiemos que o bom senso irá prevalecer, do contrário novas medidas deverão ser tomadas.

*\* Gustavo Dalla Valle Baptista da Silva, advogado tributarista, é sócio do Escritório Leite Barros Zanin – LBZ Advocacia*

# Hora de dar força à política da distribuição

Por Ailton Scarpitta \*

Cada empresa tem suas estratégias e objetivos norteando suas ações de curto, médio e longo prazo. A máxima da gestão vale para todas as atividades e segmentos, mas nem sempre é efetivamente praticada. Pressões e regras ocultas dos mercados acabam impondo modelos insustentáveis para as empresas e para o futuro do negócio.

Metas, cotas, disputa de preço e concorrência fazem parte da rotina comercial e são questões tão corriqueiras quanto cruciais, especialmente para as distribuidoras de papel. O tripé meta/estoque/preço precisa estar equilibrado e em sintonia com os custos e resultados das operações. Metas maiores do que a demanda da empresa aumentam o estoque. Com estoques elevados, vender rápido é necessário, mas nem sempre pelo preço adequado. A luta para fechar um mês, recomeça no dia primeiro seguinte, trazendo os 'restos' acumulados. Esse ciclo tornou-se vicioso e tem provocado muitos prejuízos no setor.

No nosso mercado estamos acostumados a ouvir sobre a política 'de' distribuição dos fabricantes de papel. Mas, a situação de crise econômica do País, associada a questões recorrentes do setor, tem nos mostrado que esse modelo é equivocado. Precisamos assumir e valorizar a política comercial 'do' distribuidor. Precisamos focar em obter bons resultados em nossas operações e empresas. Mais saudável, o distribuidor é, sem dúvida, um verdadeiro parceiro de negócios para seus clientes e fornecedores.

Particularmente, chegamos a uma situação limite que nos obrigou a redimensionar, reestruturar e reprogramar nossos objetivos. A dificuldade virou oportunidade, proporcionando-nos tranquilidade para tomar as decisões baseados nos resultados necessários para honrar nossos compromissos e nossa estratégia. Hoje podemos considerar o desempenho médio, negociamos pontualmente de acordo com a demanda. Recuamos sim, mas apostando no trabalho sério e

comprometido para crescer e voltar a ocupar nosso espaço no mercado em condições mais equilibradas. Os resultados já mostram que estamos no caminho certo. Desde o recomeço, temos avançado mês a mês e esperamos fechar o ano dentro da meta planejada.

Os exemplos estão demonstrando que o modelo de atuação no setor precisa ser revisto e aperfeiçoado para focar mais na política de cada empresa. O mercado gráfico e editorial necessita da pluralidade de fornecedores, da capilaridade e agilidade da distribuição de papel, condições que só podem ser asseguradas por empresas independentes e bem estruturadas, com resultados sólidos e objetivos claros.

A valorização da política comercial do distribuidor também beneficia diretamente o fabricante (seja nacional ou estrangeiro), pois fortalece as relações comerciais, minimizando os riscos.

Muitas empresas do setor estão passando por dificuldades. O que vai determinar quais delas se recuperarão e quais deixarão o mercado será o timing do diagnóstico assertivo da situação e da mudança na forma de atuação. Parece óbvio, mas o negócio só será rentável e saudável se houver sintonia entre o volume e o preço de compra e os de venda. Para isso, temos de parar de alimentar boatos, que geralmente não passam de blefes em favor de especuladores. Precisamos valorizar o serviço que agregamos ao produto, dentro de uma estratégia comercial legal e ética. Distribuir papéis é nossa missão e fonte – exclusiva – para o sustento da empresa e do negócio.

*\*Ailton Scarpitta é Diretor Executivo da Vivox, tem 25 anos de experiência no mercado. Entrou na empresa em 1995 como assistente de importação, 10 anos depois assumiu a gerência geral e em 2011 tornou-se sócio da companhia.*



## Gráficas produzem mais e empresário fica mais confiante

A produção das gráficas cresceu e a confiança do empresário foi maior no segundo trimestre de 2016, sinalizando para a recuperação das atividades. A produção física do setor, já descontado o padrão sazonal, cresceu 1,5% no segundo trimestre em relação aos primeiros três meses de 2016, conforme dados divulgados pela Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf Nacional).

Os dois indicativos confirmam a tendência apontada no primeiro trimestre, quando a atividade no setor recuou apenas 3,8%, em relação a igual período de 2015, ante queda de 5,7% da indústria de transformação como um todo. “À luz das surpresas recentes na produção física, estamos revisando a estimativa de queda este ano de 10% para 3%. Revisão expressiva e na direção desejada por todos”, avaliou o presidente da entidade, Levi Ceregato.

Os sinais mais positivos da produção física estão em linha com a melhora do Índice de Confiança (IC) do Empresário da Indústria Gráfica Brasileira, que atingiu 43,9 pontos, em uma escala de 0 a 100, no segundo trimestre. O indicador teve aumento de 2,8 pontos percentuais em relação ao trimestre anterior. De acordo com a Abigraf, apesar de estar distante da linha de neutralidade de 50 pontos, o IC registrou a maior alta desde o primeiro trimestre de 2015, o que indica uma melhora mais rápida da confiança dos empresários.

Embora mais confiante na retomada das atividades, o setor mantém a cautela. “Uma recuperação mais expressiva da produção dependerá da retomada da demanda interna, pois é baixo o peso do setor externo na indústria como um todo, e nas gráficas, particular-

mente”. Além disso, a pressão de custos no setor é significativa, apesar da queda da cotação do dólar recentemente. Ceregato avalia que alguns setores da indústria têm sido beneficiados pela variação cambial, em parte pelo aumento das exportações e certamente pela substituição de importações. “Além disso, o ajuste dos estoques tem permitido dados mais favoráveis de produção”.

### De déficit a superávit

A balança comercial da indústria gráfica encerrou o trimestre abril/junho com superávit de US\$ 21,8 milhões, mantendo o bom desempenho apresentado no acumulado dos três meses anteriores. O saldo comercial obtido foi 68% maior do que o observado anteriormente. As exportações tiveram um acréscimo de 6% frente ao primeiro trimestre e 14% em relação ao mesmo período do ano passado, totalizando US\$ 78,3 milhões. As importações somaram US\$ 56,5 milhões, que corresponde a quedas de 7% e 15% na comparação com os trimestres anteriores.

Como consequência da desvalorização do Real frente ao dólar, as importações vêm apresentando retração desde o quarto trimestre de 2015, quando o montante importado foi de US\$ 82,3 milhões. Os itens pertencentes ao segmento editorial continuam sendo os mais importados, com US\$ 19,8 milhões (participação de 35,1% do total). As importações de cartões impressos somaram US\$ 11,7 milhões, variação positiva de 21% ante o primeiro trimestre deste ano. Com a terceira maior representação nas importações e aumento de 21% contra o segundo trimestre de 2015, o segmento de promocionais abrange 16,8% dos US\$ 56,5 milhões.

## Entidades fazem reunião conjunta pela distribuição

Iniciando o segundo semestre do ano, os distribuidores de papel tiveram mais uma oportunidade de discutir os assuntos relevantes e de interesse do setor com as diretorias da ANDIPA e do SINAPEL. A reunião conjunta aconteceu no dia 21 de julho, na sede da FecomercioSP, com a presença dos consultores jurídicos da LBZ Advocacia, que apresentaram detalhes das ações em trâmite em favor dos distribuidores.

Fazendo uma análise do momento atual do mercado papeleiro, foram relatadas dificuldades comuns como: a inadimplência e a falta de segurança fiscal nas operações amparadas pelo Sistema de Registro e Controle das Operações com Papel Imune Nacional (Recopi Nacional). A pauta do encontro incluiu ainda assuntos sindicais como negociação salarial, que deve ser definida em setembro.

# Certificações e selos destacam distribuidores

São vários os mecanismos de reconhecimento das empresas quanto às suas práticas e operações ou seu engajamento em ações socioambientais. Em geral, de adesão voluntária e espontânea, as certificações e selos têm sido cada vez mais valorizados pelos mercados e pelos consumidores. No segmento de distribuição o destaque é para as certificações ambientais, que atestam a origem do papel de florestas plantadas e com manejo sustentável. Mas, o campo de atuação das distribuidoras de papel associadas à ANDIPA vai de prêmios de excelência gráfica e editorial a ações sociais ligadas à criança, saúde e educação.

Na área ambiental, as certificações são atribuídas por organizações independentes, como o FSC (Forest Stewardship Council) e o PEFC (Programme for the Endorsement of Forest Certification Schemes), representado no Brasil pelo CERFLOR (Programa Nacional de Certificação Florestal). No caso da FSC, do total de 1.087 certificados de cadeia de custódia emitidos no Brasil, 773 são da área de papel (que envolve empresas como distribuidores, gráficas e editoras).

De acordo com o relatório anual 2016 do setor de árvores plantadas, divulgado em agosto pela Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), no Brasil, 5,5 milhões de hectares com plantios de árvores são certificados na modalidade manejo florestal, sendo 3,2 milhões de hectares de área de árvores plantadas. “A certificação garante ao consumidor que o produto adquirido (papel, painéis ou pisos laminados) utiliza madeira de origem legal e leva em consideração aspectos ambientais, sociais e econômicos.” A afirmação é da presidente-executiva da Ibá (Indústria Brasileira de Árvores), Elizabeth de Carvalhaes, em artigo publicado na edição de junho de 2016 da Revista O Papel.

“Ao certificar processos e produtos, as empresas

aumentam sua credibilidade e diminuem seu risco reputacional, por isso produzir com responsabilidade socioambiental deixou de ser uma opção e passou a ser uma condição de mercado”, completa Aline Tristão, Diretora Executiva do FSC Brasil. Segundo ela, da área total de 7,8 milhões de hectares de árvores plantadas no Brasil, 34% pertencem às empresas do segmento de papel e celulose - e a grande maioria das plantações brasileiras que fornecem matéria-prima para a produção de papel e celulose já são certificadas pelo FSC®.

## Reconhecimento

A mais comum das certificações entre os distribuidores de papéis associados à ANDIPA é a FSC. Para utilizar o selo FSC® em seus produtos, as empresas precisam obter o certificado de cadeia de custódia, que garante a rastreabilidade de toda a cadeia produtiva, da matéria-prima que sai das florestas até chegar ao consumidor final. De acordo com sondagem realizada pelo NewsPaper, as associadas AMV Papéis, Antalis, Labate, Opus, Passalacqua, Rio Branco, Samab e Xapuri têm o selo FSC. A Samab tem também o CERFLOR e a Antalis possui ainda um sistema próprio de classificação de papéis, chamado Green Star System.

Engajadas em suas comunidades, algumas empresas exibem outros instrumentos de reconhecimento. A Rymo da Amazônia consolidou suas ações sociais em junho, quando foi credenciada como Empresa Amiga da Criança pela Fundação Abrinq. A Rio Branco priorizada o programa menor aprendiz e também já foi contemplada com prêmios setoriais.

Outra empresa reconhecida pela qualidade do trabalho desenvolvido é a AMV Papéis, que recebeu quatro vezes o Prêmio de Excelência Gráfica Jorge Salim. A Passalacqua informou que desenvolve várias ações sociais na região de Ribeirão Preto/SP.

## Escassez eleva preço de aparas

O setor de aparas está passando por uma fase de desequilíbrio entre oferta e demanda, reflexo da retração da economia brasileira, que tem impactado nos preços internos e pode abrir espaço para a importação. Com menor consumo, a oferta de embalagens e chapas de papelão ondulado destinadas à reindustrialização entra em queda, puxando os preços para cima. “Nada interrompe o aumento nos preços das aparas de papelão ondulado”, avalia Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística e consultor do setor, explicando que o preço médio da apara tipo I chegou a R\$ 664,56 a toneladas (FOB depósito), em julho, 7,1% de alta sobre os valores praticados em junho e 69% acima dos preços de dezembro de 2015.

Diante do cenário atual, considerando os sinais de melhora na economia e o esperado aumento sazonal na expedição de caixas no segundo semestre, a expectativa, segundo o consultor, é de que as aparas de papelão ondulado continuem em falta e com preço

em alta. Com a retomada das atividades econômicas o setor vem observando um aumento na coleta de rua, mas insuficiente para diminuir a escassez do material.

Os preços internos em alta tornam atrativas as importações de aparas, que começam a se viabilizar a partir de US\$ 220 a tonelada (FOB porto). De acordo com boletim estatístico da Associação Nacional dos Aparistas de Papel (ANAP), os valores das importações estão se aproximando desse patamar.

### Reciclagem

Para que o ciclo de sustentabilidade do papel se complete, é preciso garantir que o produto usado e descartado retorne à fábrica em boas condições e na maior quantidade possível. Parte significativa dessa nobre função cabe aos aparistas, um ramo de atividade que congrega empresas de coleta, seleção, classificação e enfardamento de papel e papelão descartados, para fornecimento à indústria que produz papéis reciclados.

## Encontro Nacional de Aparistas vai discutir caminhos do setor

As condições do mercado nacional de aparas, seus caminhos e perspectivas serão discutidos na terceira edição do Encontro Nacional de Aparistas, promovido pela ANAP (Associação Nacional dos Aparistas de Papel), em parceria com o SINAPEL (Sindicato Nacional do Comércio Atacadista de Papel e Papelão). Tendo como tema central a “Reciclagem de Papel e Papelão: Grandes Mudanças, Novos Caminhos”, o evento acontecerá no dia 14 de setembro, das 8h30 às 12h30, na sede da FecomercioSP, na cidade de São Paulo.

São esperados cerca de 100 convidados, entre aparistas, executivos das indústrias de papel, papelão e celulose, gráficos, fornecedores de equipamentos, insumos e serviços, além de especialistas em reciclagem e sustentabilidade.

A agenda do encontro prevê ainda uma análise da reciclagem de papel e papelão em mercados internacionais. A programação completa e demais informações estão disponíveis no endereço eletrônico <http://www.anap.org.br/iii-encontro-nacional-de-aparistas/>.

Serviço:

### 3º Encontro Nacional de Aparistas

Data: **14 de setembro** de 2016

Horário: Das 8h30 às 12h30

Local: FecomercioSP — Rua Dr. Plínio Barreto, 285 — Bela Vista — São Paulo/SP



# Ligadas ao papel, áreas de educação e cultura têm grandes eventos

Duas das principais áreas consumidoras de papel promovem, no segundo semestre deste ano, grandes eventos para envolver seus públicos e apoiar as empresas do mercado. A primeira foi a Feira Internacional de Produtos para Papelarias, Escritórios e Escolas (Escolar Office Brasil), encerrada no dia 10 de agosto, em São Paulo, que recebeu a visita de 13.087 profissionais do setor, sendo que 8.637 (66%) foram compradores do Brasil e do exterior. A outra é a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que traz uma programação multicultural focada em celebrar a leitura, distribuída em 12 espaços, e ocorre entre 26 de agosto e 4 de setembro de 2016, no Anhembi.

Realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a Bienal Internacional do Livro de São Paulo chega à sua 24ª edição reunindo 280 expositores, as principais editoras, livrarias e distribuidoras, além de autores e editoras independentes. Com o tema “Histórias em Todos os Sentidos”, a Bienal pretende reafirmar seu propósito de ir além de uma feira de livros, envolvendo o público com atrações exclusivas, com a presença de autores nacionais e internacionais, lançamentos de livros, tardes de autógrafos, oficinas, brincadeiras e debates.

Antecedendo a Bienal, a CBL promove, no dia 25 de agosto, o 6º Congresso Internacional CBL do Livro Digital, com o tema ‘O Mundo dos Negócios Digitais’. O evento traz um panorama do mercado do livro digital com presença de ícones nacionais e internacionais, além de premiação de trabalhos científicos.

## Cuidando da formação

Mais do que promover produtos e serviços e proporcionar contatos comerciais de alto nível, os eventos têm demonstrado a preocupação e o compromisso dos setores em cuidar da formação de seus públicos, seja na capacitação dos profissionais envolvidos ou proporcionando acesso à cidadania, através da educação e da cultura.

Comemorando seus 30 anos, a Escolar Office Brasil ampliou a oferta de conteúdo profissional para expositores e visitantes. Em parceria com diversas entidades, a edição de 2016 proporcionou mais de 25 horas de palestras e workshops, com temas como gestão, tendências, licenciamentos e brinquedos educativos.

Um dos destaques foi o 3º Seminário de Educação Escolar Office Brasil, dirigido a educadores, promovido

do pela Associação Brasileira da Indústria Gráfica – Regional São Paulo (Abigraf-SP) e pela Franca Feiras, organizadora da Escolar Office Brasil. Com a curadoria do Instituto Cultural Lourenço Castanho (ICLOC) e apoio do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo, o seminário teve como tema “O tempo da escola: em transformação, tendências sobre o ensino”.

“É preciso repensar o papel da escola. Melhorar a qualidade da educação é uma prioridade urgente no Brasil”, enfatiza Sidney Anversa Victor, presidente da Abigraf Regional São Paulo, explicando que o sistema associativo do setor gráfico foi o pioneiro na proposição de que se destinem 10% do PIB ao ensino.

Ao lado de outras entidades, a Abigraf também defende a adoção do Cartão Material Escolar, um projeto que busca descentralizar a compra, garantindo que os alunos da rede pública tenham os itens em tempo hábil para o início das aulas. A proposta e as iniciativas já implantadas foram apresentadas em estande exclusivo na 30ª Escolar Office Brasil.

## Outros eventos em setembro

As tendências e a evolução do meio digital no mercado brasileiro é tema de mais um evento da agenda setorial. A edição de 2016 do Digital Day, promovido pela Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner), acontece no dia 1º de setembro, em São Paulo. No encontro, profissionais de diversas áreas do setor de revistas debatem as inovações e o modelo de novos negócios, a partir das mudanças tecnológicas no universo das publicações, tanto impressas e quanto digitais. Confira a programação completa em: <http://aner.org.br/digital-day-2016-30-anos/>

Já do lado da cadeia produtiva do papel, além da 3ª edição do Encontro Nacional de Aparistas, acontece a MERCOAPARA – Feira e Congresso Internacional de Negócios do Mercado de Reciclagem de Papel. O evento é um dos quatro do segmento de reciclagem promovidos simultaneamente pela Revista Reciclagem Moderna. Entre os dias 13 e 15 de setembro estarão reunidos, no São Paulo Expo Exhibition & Convention Center, expositores e visitantes nacionais e internacionais dos ramos de papel, sucata, plásticos e resíduos de construção e demolição. Mais informações em: <http://www.revistareciclagem.com.br/eventos.html>

## Importação de cuchê oscila

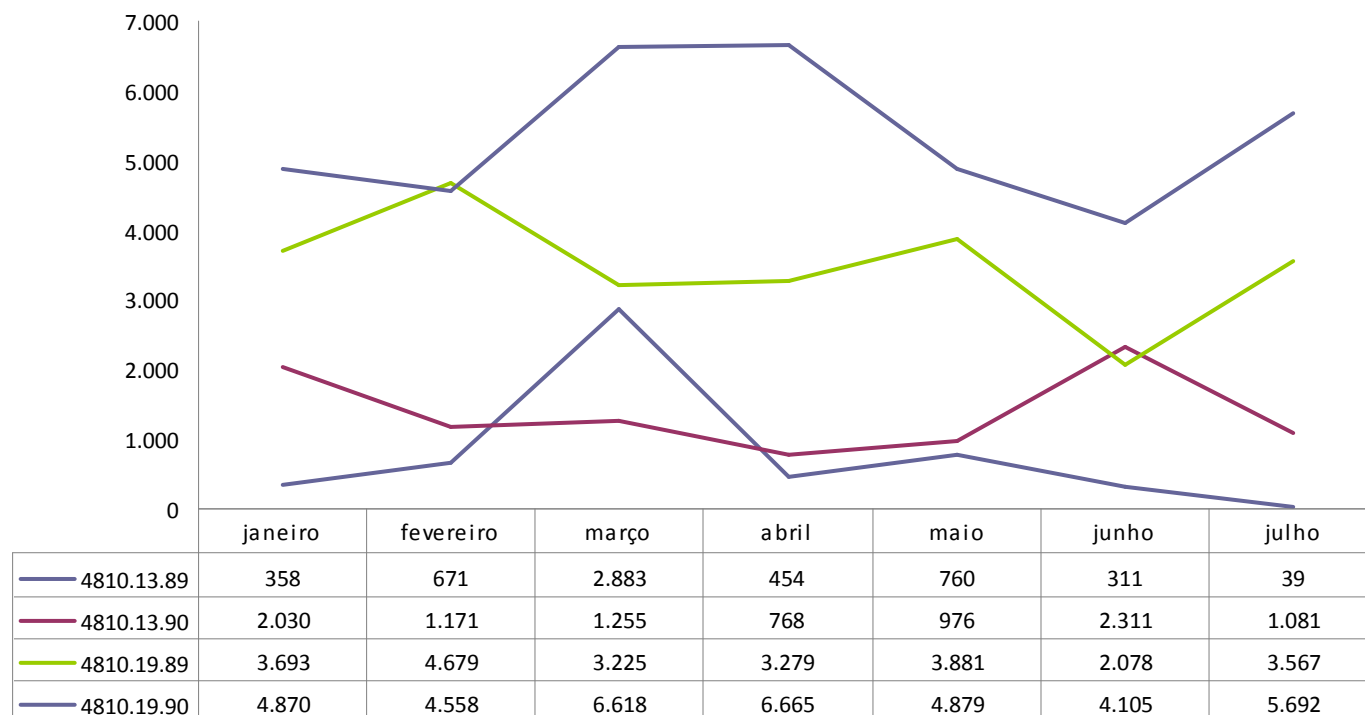
Nos meses de junho e julho, as importações nas quatro classificações de papéis cuchê variaram entre altas e quedas. No geral, foram importadas 8,8 mil toneladas de cuchês em junho e 10,38 mil toneladas no mês seguinte, deixando um acumulado no ano de 76,86 mil toneladas. O volume anual caiu 30% na comparação com o mesmo período do ano anterior, que foi de 109,82 mil toneladas.

Considerando cada uma das quatro NCMs que compõem o grupo do cuchê, o comportamento das importações oscila ao longo do ano, como detalhado nos gráficos a seguir. Nos tipos comercializados em bobinas (4810.13.89 e 4810.13.90) os maiores volumes foram nos meses de março e junho, com queda acentuada em julho e saldo anual negativo em relação aos totais parciais dos anos anteriores.

Já nas importações de cuchê em formato, os menores volumes foram registrados no mês de junho, sendo 2,08 mil toneladas na NCM 4810.19.89 e 4,10 mil toneladas na NCM 4810.19.90. Em julho, as duas nomenclaturas tiveram importações dentro da média dos meses anteriores.

No acumulado deste ano, as importações de cuchê em formato na NCM 4810.19.89 somaram 24,4 mil toneladas, superando em 3,3% o volume apurado entre janeiro e julho do ano passado. Os desembarques de cuchê enquadrado na NCM 4810.19.90 totalizaram 37,39 mil toneladas nos sete meses deste ano, queda de 30% em relação a igual período de 2015.

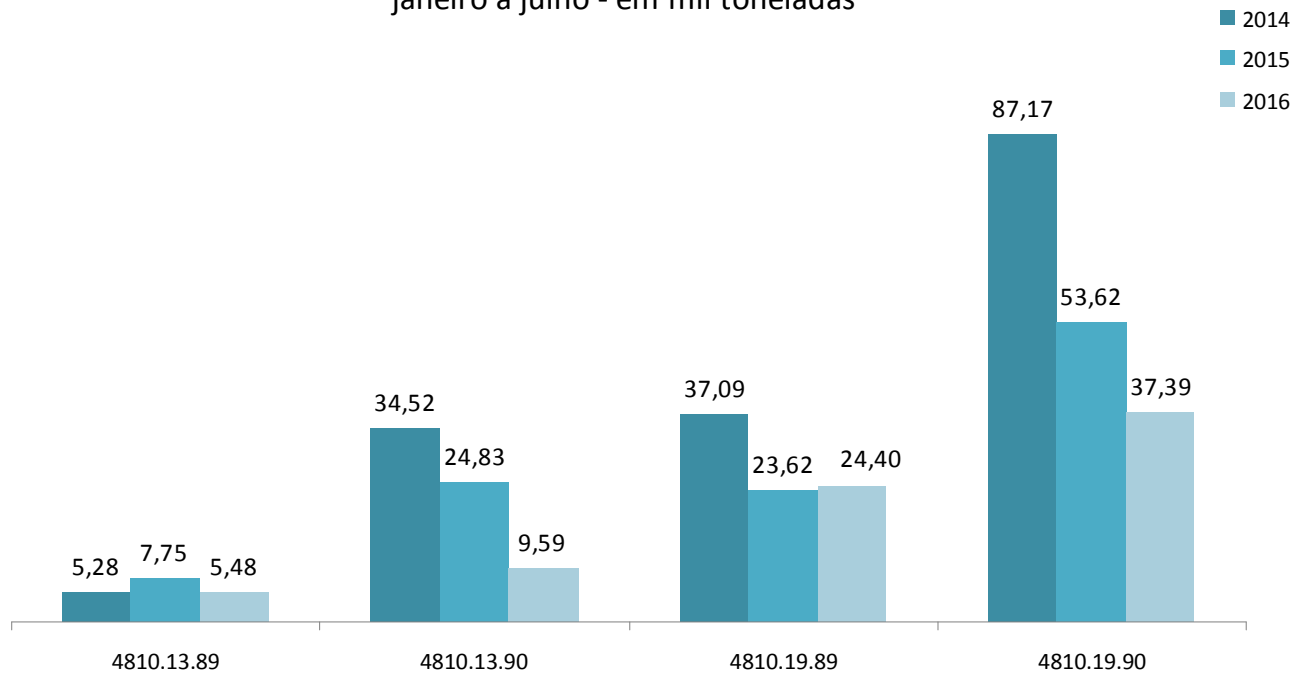
### Importação de Cuchê - por NCM - mensal 2016



Fonte: AliceWeb – Secex / MDIC

## Importação de Cuchê - por NCM

janeiro a julho - em mil toneladas



Fonte: AliceWeb – Secex / MDIC

## Outros papéis mantêm queda nas importações

Dentre os papéis mais comercializados pelas empresas de distribuição, a importação seguiu em queda nos sete primeiros meses deste ano. Do grupo acompanhado mensalmente pelo NewsPaper, o papel jornal é o principal em volume e também aquele que tem registrado a mais prolongada sequência de quedas. De acordo com dados apurados no Sistema AliceWeb, da Secex, entre janeiro e julho, as importações de papel jornal caíram de 177,24 mil toneladas em 2014 para 134,01 mil toneladas no ano passado. Este ano, outro recuo para 93,58 mil toneladas, menos de um terço das 292 mil toneladas de jornal recebidas nos sete primeiros meses de 2010.

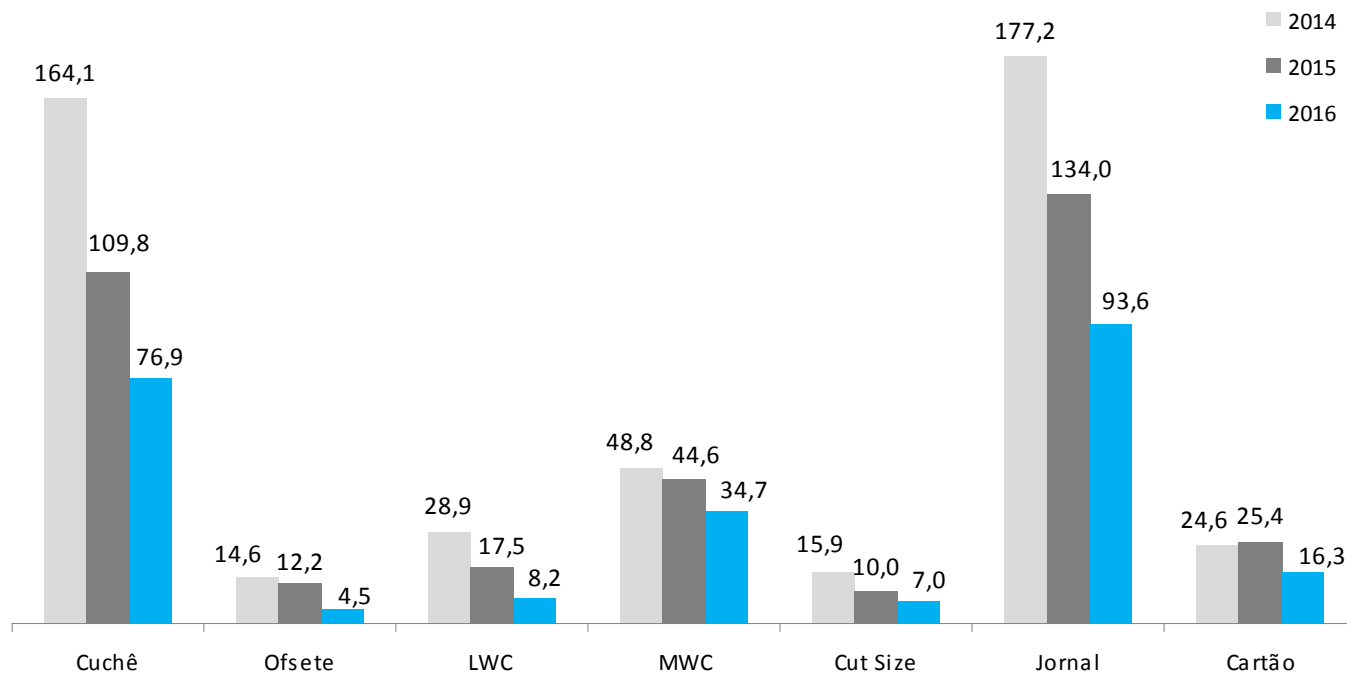
O MWC somou 34,72 mil toneladas no acumulado até julho, 22% aquém das 44,63 mil toneladas internalizadas no mesmo período do ano passado. Já as entra-

das de papéis LWC caíram mais de 50%, passando de 17,50 mil toneladas para 8,18 mil toneladas no período de comparação.

Entre os papéis ofsete, foram importadas 4,49 mil toneladas este ano, 63% abaixo das 12,17 mil toneladas registradas no mesmo período do ano passado, que também teve retração ante as 14,64 mil toneladas da parcial de 2014. Os papéis cortados, cut size, somaram 7,02 mil toneladas, recuo de 30% ante as 10,02 mil toneladas do período equivalente no ano anterior.

Outro importante item do portfólio da distribuição, o papel cartão teve 16,27 mil toneladas importadas entre janeiro e julho deste ano, 36% menos que as 25,44 mil toneladas internalizadas no mesmo período de 2015.

### Importação de Papéis - janeiro a julho em mil toneladas



Fonte: AliceWeb – Secex / MDIC

# Produção nacional e vendas internas crescem no primeiro semestre

O primeiro semestre do ano foi positivo para a indústria nacional de papéis, especialmente no segmento de Imprimir e Escrever (I&E). O desempenho geral superou o do ano anterior, auxiliado pelos resultados de I&E, conforme descrito na edição 26 do relatório Cenário Ibá.

A produção nacional total cresceu 0,5% em 2016 ante o primeiro semestre de 2015, saltando de 5.127 mil toneladas para 5.155 mil toneladas. Já a produção de papéis para imprimir e escrever superou em 0,7% o total do ano anterior, passando de 1.242 mil toneladas para 1.251 mil toneladas no período de comparação.

Nas vendas domésticas, a participação de I&E foi maior. Segundo o relatório, as vendas no segmento cresceram 1,6%, enquanto o total teve ligeira alta de 0,3%. No primeiro semestre de 2016, o mercado interno comprou 2.639 mil toneladas de papéis nacionais, dos quais 719 mil toneladas foram dos tipos destinados à impressão e escrita. Em 2015, foram 2.631 mil toneladas de vendas domésticas totais, 708 mil toneladas de I&E.

O mercado interno compensou a discreta queda nas exportações de imprimir e escrever, único segmento que não superou os números do ano anterior. Entre janeiro e junho deste ano, o relatório mostra que foram exportadas 1.058 mil toneladas de papéis, 7,2%

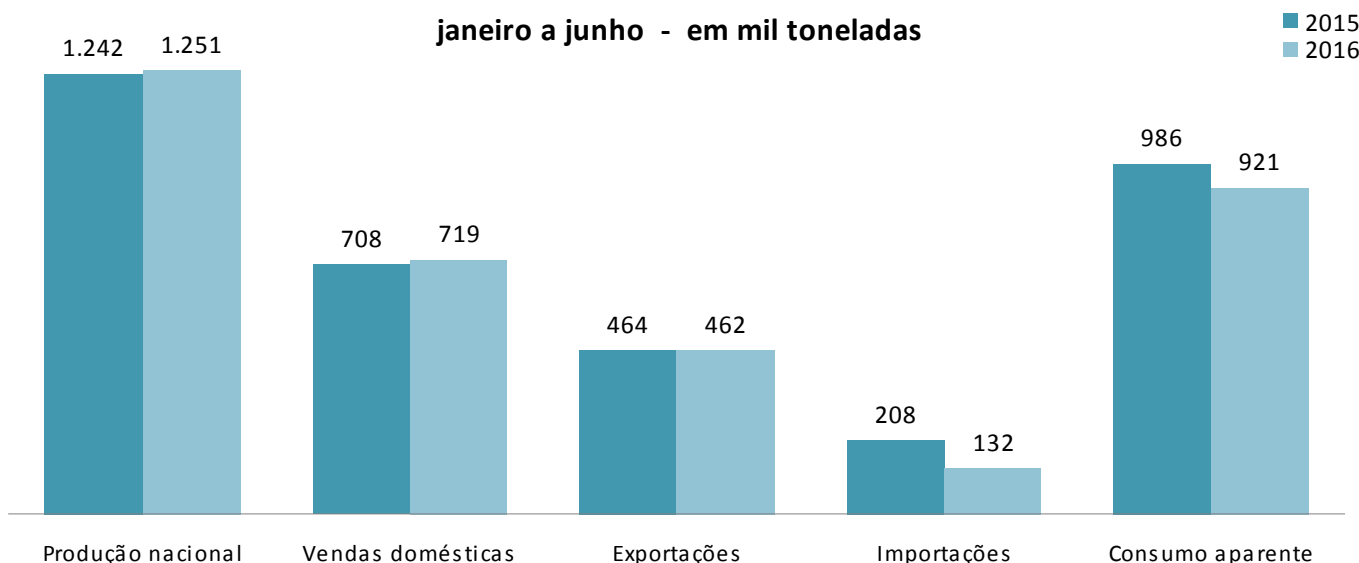
mais que as 987 mil toneladas de igual período de 2015. Foram embarcadas este ano 462 mil toneladas de papéis para I&E, duas toneladas a menos que no período anterior.

Conforme os dados do semestre, a indústria nacional tem conseguido ocupar o espaço das importações, que se mantiveram em baixa. O segmento de I&E é o que tem maior necessidade de produtos importados e nos seis meses do ano apresentaram a maior retração. O relatório da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) aponta que as importações gerais recuaram 34,2% e as de I&E 36,5%, no comparativo do primeiro semestre. Entre janeiro e junho deste ano, foram importadas 325 mil toneladas de papéis em geral, sendo 132 mil toneladas de I&E, 82 mil toneladas no grupo de outros (diversos), 72 mil toneladas de papel jornal, 18 mil toneladas de papéis para embalagens, 18 mil toneladas de papel cartão e 3 mil toneladas de papel sanitário.

Com estes números apresentados, o consumo aparente de papéis no Brasil caiu 4,6%, de 4.634 mil toneladas para 4.422 mil toneladas, como divulgado. Considerando apenas o segmento de imprimir e escrever, o consumo interno aparente foi de 921 mil toneladas, queda de 6,6% ante as 986 mil toneladas apuradas no primeiro semestre do ano passado.

## Papéis de Imprimir e Escrever

janeiro a junho - em mil toneladas



Fonte: Cenários Ibá / 26

DISTRIBUIDORES ASSOCIADOS



ENTIDADE MEMBRO DA



[www.twosides.org.br](http://www.twosides.org.br)